

MAR...Marinha...e Água Doce!

Rio Antuã Navegável?... da Nascente até à Foz...

Navegar quase da nascente até à foz no nosso rio Antuã pode parecer ser história de loucos, ou mera ficção. Talvez devido a esta passagem pelo rio, tenha aparecido o **marinheiro**...

Mas para que esta história não passe da verdade à ficção, é preciso de facto conhecer bem o nosso rio, nele ter navegado à noite ou em plena luz do dia, nadado, caído, pescado, ou algumas vezes quase morrer afogado.

A falta de infra-estruturas para a prática da natação, compelia-nos para o rio Antuã, não tendo mesmo em conta os riscos que para nós constituía.

Estamos em Outubro. A corrente faz-se sentir já com alguma força. A noite está fria, e no meio do rio faz-se sentir com mais intensidade.

A pouca robustez dos meus braços, e a arte de dar à vara, deixa o meu tio *Zé Tarrinca "nervoso"*, por eu não conseguir manter imóvel e a bateira aproada à nascente.

Mas noite após noite, a perícia de dar à vara ia aumentando e os *ralhetes* diminuía.

A silhueta do *Zé Tarrinca* à popa da bateira é projectada na escuridão da noite para os salgueiros, da margem do lado de Salreu, pela luz do "*petromax*", fazendo este parecer um gigante.

Decidimos ir até à ponte de Pedra.

Passar o açude da Fontinha não é pêra doce. O tio Zé, finca a fiska no leito do rio, em contrabordo, e não pára de me dar indicações, para vencermos a corrente e levar de vencida o sempre difícil subida do açude.

O "*petromax*" está constantemente a apagar-se. Pensamos que o problema é do carboneto. Vamos ter que regressar quase às escuras. O que nos vale, é que o tio Zé conhece o rio como as suas próprias mãos.

A pesca não foi má, 3 lampreias macho e 1 fêmea.

A desova já tinha tido lugar. As pedras, já se vêm um pouco melhor do que na semana passada. Regressámos ao poço do Carvalho, acostámos e amarrámos à margem.

Como de costume oferecíamos as lampreias, com excepção de uma, que se destinava ao consumo caseiro. A sua preparação estava a cargo da minha Avó Clementina.

Só ela sabia dar-lhe o tratamento perfeito.

Diziam, porque eu nunca comi.

Rio acima, da ponte de ferro, à canhota do Tio Rodrigo, e do que restava do velho açude, até à canhota da Ponte de Pedra, ali adiante na Fontinha, considerava-se *zona de navegação* exclusiva dos Tarrincas e do Tio Miguel, respectivamente do lado de Estarreja e Salreu, como se tratasse de um convénio previamente estabelecido.

Sim, poderia haver outros, mas predominantemente e durante muitos anos, estas famílias por assim dizer, é que davam utilidade ao rio, para além dos lavradores que dele tiravam água para a rega.

Do açude da canhota da ponte de Pedra até a Turbina do “*Marques Padeiro*” na Quinta da Costa, assim era conhecida a represa que forneceu em tempo, a energia eléctrica para a fábrica de descasque de arroz, e simultaneamente a “*maior piscina fluvial*”, polivalente do concelho de Estarreja.

Ali bem perto do Vidueiro, onde as boas famílias da vila e a população local da Sr.^a do Monte se abasteciam de água, começava “*outra zona geográfica*”, agora pertença do António Electricista, que também possuindo uma bateira, permitia o acesso rio acima, até ao Vale da Mó, e à Ilha dos Amores no açude da Minhoteira.

Estamos no pino do Verão. Miúdos e graúdos demandam com destino ao rio, para desfrutar o prazer, que este lhes transmite.

A “*Praia dos Tesos*”, assim era conhecido o local de lazer dos menos abastados ou dos amantes da natureza, estava repleta de veraneantes.

Pensámos logo dar o *cava*. Assim pensado, assim feito.

Decididos pedir a bateira ao António Electricista, e de merenda no saco, eu o Artur Tavares e o Mica Serra, lá fomos, curva após curva do rio, progredindo a caminho da tranquilidade, do silêncio, da calma que os frondosos choupos e salgueiros nos proporcionavam.

O silêncio era de facto extasiante. Nunca pensei que o simples cair de uma bolota na água, pudesse quebrar todo aquele silêncio.

Ali e acolá umas mimosas florescidas. O sol teimosamente penetrava por algumas abertas dos salgueiros, que em arco, constituíam um túnel natural de rara beleza, só apreciável de barco, dentro do próprio rio.

Umam parreiras de uvas americanas bravas, que tanto nos deliciavam, iam matando a nossa sede, à medida que progredíamos até à ilha dos Amores.

O Guarda Rios passou por nós, ali no portão de cima da Quinta do Marques Rodrigues. Margem sagrada e interdita a todos que subiam o rio, sob pena de sofrermos represálias. Não sei se seria só para nos meter medo, ou se de facto era mesmo verdade.

Pelo sim pelo não, até ao portão na margem direita, nada para ninguém.

A fome aperta. É uma da tarde. A Ilha dos Amores está também cheia de gente que de Sentiais ou das terras ali vizinhas, haviam decidido ao rio vir, passar o dia e dar uma *cacholada*.

Recordo de ver o Fernando Mendonça e a seus familiares, à volta do farnel. Não demorou muito que devorássemos o nosso, mas antes demos um mergulho.

Depois de almoço, uma incursão monte acima, rumo a Albergaria-a-velha, pelo menos assim, a nossa orientação nos ditava, explorando o que de bom a floresta nos proporcionava.

De quando em quando, pequenos ossos, o que nos levava a crer terem pertencido a alguns coelhos, vítimas de predadores, ou quaisquer outras causas naturais, que nunca chegamos a apurar.

Começa a fazer-se tarde. Regressámos à Ilha dos Amores.

A bateira ainda ali está. Tudo dentro e lá vamos rio abaixo.

Nas algibeiras uns pêssegos que havíamos *fanado* no Vale da Mó, lavados na água corrente do rio e logo esfregados nos calções, para perderem a penugem da sua casca.

Estão um pouco verdes, mas mesmo assim *marcharam*.

Estamos em pleno Agosto. O rio foi tapado para a rega. A zona da canhota do Tio Rodrigo, com o aumento do nível das águas do rio, está insuportável devido aos esgotos em céu aberto, provenientes do matadouro.

Com a subida do nível das águas, as condições a navegabilidade do rio aumentavam. Os pontos críticos de corrente desapareceram quase por completo, por isso decidimos, os três efectuar uma regata em câmara de ar, rio abaixo.

Aquilo só visto. Três câmaras de ar de camião bem cheias, outras tantas de automóvel, a reboque das primeiras - com as nossas roupas e

haveres - dois pares de remos fabricados para o efeito, e vai disto navegar desde a Turbina até a ponte de Ferro.

Pelo caminho, umas quantas idas à margem para apanhar umas uvas americanas.

Estava assim concretizada uma proeza de canoagem improvisada, numa não menos improvisada pista, cuja proeza que garantiu a navegabilidade do Antuã.

A canhota do tio Rodrigo já não trabalha. Aliás, só a da Minhoteira é que ainda cumpria a sua missão e o Moleiro da Meia noite - assim lhe chamávamos - lá vai descendo à vila e com ele vai trazendo a moenda, para os seus ainda fieis clientes.

O regresso fazia-se sempre tarde. A *desgraçada* da mula, muito tinha que esperar amarrada à argola da parede, até que o seu dono resolvesse ir de volta para casa.

Mas a Lua já ia alta, quando a viagem de regresso teve o seu início. Com dificuldade, o Moleiro subiu para a garupa da mula. O meu Avô Albano deu uma ajuda.

Um e outro chegaram ao destino, porque no fim de semana seguinte a história repetiu-se.

O milho está alto. O tim...tim..., das noras faz-se ouvir, bem como o bater das enxadas a abrir os regos de água, para a irrigação.

Não há de faltar muito que esteja em condições de ser cortado.

Com isto o fim das férias aproxima-se a passos largos, e todas estas aventuras ficam adiadas para o próximo ano.

Mas o próximo será o último. Entretanto um ano escolar espreita e com ele o fim do curso. Umas quantas gazetas, e esquecimentos à mistura, estavam prometidos.

Também, ali a caminho do rio, a velha Escola do Conde Ferreira, onde os inesquecíveis professores Simões, Vieira e D.^a Felisberta, na sua espinhosa missão de ensinar, já retemperados pelas férias grandes, estariam à espera de outros tantos miúdos, que de vez em quando, em vez de ficarem na Escola, seguiriam em frente até ao Rio Antuã.

Os anos correram, assim como as águas do Antuã.

Eu troquei as terras e as águas do Antuã por outras terras e oceanos distantes. O Mica Serra fui vendo com alguma frequência.

O Artur Tavares, só recentemente, volvidos 26 anos.

Estará o Antuã navegável? Ainda haverá bateiras? E lampreias?

Penso estar na altura de empreender um passeio rio acima.

Companheiros o desafio está lançado.

E não é que a rapaziada ouviu o meu desafio!

Já repetiram a proeza por duas vezes... mas Eu infelizmente não estive presente.

Os meus companheiros por mim o fizeram.